

de olhos, qualquer lugar que se deseje. Será possível extrair do éter, ou, como no luminar, das catacumbas, qualquer mundo, por estranho que seja.

É este o aspecto do conforto. Thofern deriva a palavra de *conferto*, "conforto". Mas o conforto pode ser excessivamente forte.

A partir daquela introdução ao curso para juristas, assisti com regularidade às aulas de Thofern e me inscrevi também para o seminário. Ali encontrei poucos alunos e quase sempre os mesmos; a gramática é uma ciência morta. Por isso é mais cultivada no âmbito das línguas mortas do que no das vivas.

O Domo desejava que os juristas aprendessem a dominar a língua como instrumento lógico para poder sentenciar; estavam longe de seu campo de interesse as considerações da estética ou das musas, salvo a música.

A tirania tem que dar importância a uma boa administração da justiça e dos assuntos privados. Aliás, isto consolida sua autoridade política. Esta autoridade se baseia na igualdade, à qual se sacrifica a liberdade. Tende ao nivelamento e, por conseguinte, está aparentada com a soberania popular. As duas produzem formas semelhantes. Para as duas são incômodas as elites que se destacam por sua linguagem. Chegam a odiar os poetas.

Thofern, como gramático, dá especial valor à palavra "destacar" e nisto concordo com ele, como historiador. O ofício de historiador é trágico: definitivamente se dedica à morte e à eternidade. Daí seu rastejo pelos escombros, suas voltas em torno das sepulturas, sua sede insaciável de fontes, sua ansiosa escuta das pulsações do tempo.

Muitas vezes me interroguei sobre o que se oculta

detrás desta inquietude. Compreendo muito bem o medo do selvagem quando contempla o pôr-do-sol e teme que ele não retorne. O homem que mandava encerrar sua múmia no meio da rocha confiava no retorno. Quando tiramos suas vendas, confirmamos a sua — ou melhor, a nossa — esperança. Quando damos vida ao passado, logramos realizar um ato que vence o tempo e triunfa sobre a morte. Se isto é possível, cabe também imaginar que um deus nos devolverá a vida.

"A decadência da linguagem não é tanto uma enfermidade, mas antes um sintoma. A água da vida se estanca. A palavra ainda tem significação, mas não um sentido. Cada vez mais ela é deslocada pelos números. É incapaz de poesia, ineficaz para a oração. Os prazeres grosseiros substituem os do espírito."

Assim Thofern. No seminário, descia a detalhes:

"Nas gírias, nos livros que se vendem escondido ou se lêem tapando-os com a mão há sempre um deleite mais ou menos disfarçado. Depois porém são celebrados como modelo. O terceiro é que domina."

Por "terceiro tom" Thofern entendia o nível ínfimo na maneira de nomear as coisas e as atividades. Estas podem ser denominadas de forma elevada, corrente ou vulgar. Cada uma delas tem seu lugar adequado.

"Quando se recorre ao vulgar na linguagem cotidiana e ainda mais na poesia, isso representa um ataque à linguagem culta. Se, por exemplo, existe um glutão que, além do mais, se jacta disso, livra-se da